



Deolinda de Jesus
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Filipa Rodrigues

Anabela Lima

Transcrição

Hugo Pereira

Edição da História de Vida

Liliana Monteiro

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-06-8

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Deolinda de Jesus

Deolinda de Jesus nasceu a 6 de Dezembro de 1930, em Soito da Ruiva. Tem duas irmãs e dois irmãos, filhos de Alberto Grácio e de Maria da Natividade, naturais de Soito da Ruiva. Casou-se pelo Registo em 1967, com António Alves após 20 anos de vida em conjunto. É conhecida por “Deolinda dos Pinheiros” porque a sua casa fica mais afastada do povo, no pinhal ao cimo da povoação. Recorda histórias de lobisomens, a lenda do João Brandão, e os tempos em que crestava os seus cortiços de abelhas.

Conteúdo

Identificação <i>Deolinda de Jesus</i>	5
Ascendência “ <i>Maninha do meio</i> ”	5
<i>Para o Piódão por cinco tostões</i>	6
“ <i>Lá lhe tirou também cinco tostões</i> ”	6
Infância “ <i>Às vezes, ainda andava a empatar</i> ” . .	7
Educação “ <i>Nunca fui à escola</i> ”	9
Migração “ <i>Era uma miséria</i> ”	9
“ <i>Você fuma?</i> ”	10
Namoro “ <i>Dois anos a escrever para mim</i> ”	11
Casamento “ <i>Fiz fraco enxoval</i> ”	11
“ <i>Vós ides ao Registo</i> ”	14
Casa “ <i>Agora tenho uma casa bonita</i> ”	14
Quotidiano	14
“ <i>Carregos à cabeça</i> ”	14
“ <i>Um problema de boca</i> ”	15
“ <i>Passavam os dias na fazenda</i> ”	15
<i>De roda das abelhas</i>	16
<i>Castanhas</i>	17
<i>Curas para as maleitas</i>	18
<i>Nas vésperas do São Lourenço</i>	18
<i>Não o quis sacramentar</i>	20
<i>O doutor Vasco</i>	20
<i>Domingo, dia de missa</i>	22
<i>Dias passados sozinha</i>	22
Costumes <i>Entre partidas e bailaricos</i>	23
<i>Cantar, tocar e dançar</i>	23
“ <i>Vou-lhe buscar uma pica</i> ”	23
<i>No São João era uma paródia</i>	24
<i>Fogueira de Natal</i>	24
<i>Época das colheitas</i>	25
<i>Voltaram para trás</i>	25
<i>São Lourenço, o Santo das telhas roubadas</i> . .	26
“ <i>Com os pés de lado</i> ”	26
<i>Pé estrutagado</i>	27
<i>Mitos e lendas</i>	27
“ <i>Muito ouro, prata e mel</i> ”	27
“ <i>Ela é mulher de um amigo meu</i> ”	28
<i>Uma pessoa feita em animal</i>	29

<i>“Torpelo pelas escadas abaixo”</i>	29
<i>Fadário</i>	30
<i>Com uma agulha e cortiça</i>	30
Lugar <i>A aldeia mudou</i>	31
<i>Ida ao cabeleireiro</i>	32
<i>“Casa que não caibas, fazenda que não saibas”</i>	32
<i>“Agora não tenho ninguém”</i>	33
<i>Alcunhas</i>	35
Sonhos <i>Aldeia mais animada</i>	36



Fotografia 1: Deolinda de Jesus.

Identificação *Deolinda de Jesus*

O meu nome é Deolinda de Jesus. Nasci em Soito da Ruiva no dia 6 de Dezembro de 1930.

Ascendência “*Maninha do meio*”

O meu pai chamava-se Alberto Grácio e a minha mãe Maria da Natividade.

Eu tinha quatro irmãos, duas irmãs e dois irmãos. Uns eram mais velhos e os outros eram mais novos do que eu. Eu era a maninha do meio. Nunca chegámos a estar todos juntos. Quando o mais novo nasceu, a minha outra irmã tinha morrido há muito. Ele tem menos 10 anos do que eu.

Ainda conheci a minha avó materna, chamava-se Maria Gertrudes. Coitada! Essa, sabe Deus o que passou! Quando criaram os irmãos, o meu bisavô não queria saber, andava por lá com as amigas e não mandava dinheiro. Foi ela que ajudou a criar os irmãos, pois era a mais velha. Ia para as feiras buscar sardinha ou outras coisas. Ia pelas terras vender por uns lados e por outros. A minha bisavó era de Chãs de Égua. Depois é que ficou com o meu bisavô, que era daqui. Mas quando se casaram ainda lá ficaram a viver. A minha avó ainda lá nasceu e foi baptizada na igreja do Piódão. Depois quando já estava casada, o meu avô, que também não se importava, ia para Lisboa, mas lá andava por onde queria e não lhe mandava nada.

Para o Piódão por cinco tostões

Uma vez foi um homem do Piódão que disse para o meu avô:

- "Ó Manel, manda alguma coisa para a tua mulher e para os teus filhos."

E ele disse-lhe assim:

- "Que se governem lá, que eu também me governo!"

E ele andou e lá lhe tirou cinco tostões. Ela ainda teve de ir daqui para o Piódão para os ir buscar! Bem, mas o homem fez os impossíveis para ele mandar qualquer coisa.

“Lá lhe tirou também cinco tostões”

Outra vez veio de lá um homem que era de uma zona próxima de Pomares, das Corgas, e que também lhe disse:

- "Manel, manda alguma coisa para a tua mulher e para os teus filhos."

- "Que se governem lá, que eu também me governo!"

Depois, ele andou, andou e lá lhe tirou também cinco tostões. O dinheiro dele era só cinco tostões! Mas nesse tempo com cinco tostões já comprava qualquer coisa. Lá teve a minha avó que ir daqui para as Corgas para os ir buscar.

A minha avó teve cinco filhos, dois rapazes e três raparigas. Os rapazes foram trabalhar para Lisboa, para a cortiça. E sabe Deus como ela se viu! Ela ajudou a criar os irmãos e depois que começaram a ir para Lisboa, compravam à outra irmã dela lenços daqueles que havia nesse tempo, que diziam que eram cachetés e saias de fazenda. E a ela nunca lhe compraram nem um fio podre.

Infância “Às vezes, ainda andava a empatar”

A vida cá na aldeia durante a minha infância, era uma vida reles. Tinham que andar aí a trabalhar de sol a sol nas fazendas. Ir ao mato, à lenha e a tudo. Passava os dias sem fazer nada. Andava com os meus pais, ia para onde eles iam. Andava por lá. Não fazia nada! Às vezes, ainda andava a empatar.

Mesmo não estando os filhos todos juntos a vida não era fácil. Eu ainda estive em casa de uma tia minha, irmã da minha mãe, no Monte da Caparica. Quando fui para lá tinha 10 anos. Não estava lá a estudar, estava a fazer qualquer coisa que era preciso. Estive lá três anos e meio. Ela trabalhava numa quinta, mas era dela. A filha casou-se, a mãe da Ana, e ela pediu ao meu pai para me lá deixar ir. O meu pai tinha feito uma operação a uma perna e eles é que por lá lhe valeram, porque a minha mãe até lá foi estar. Como eles lhe pediram para me deixar ir, tive de ir.

Lá na quinta, ajudava a minha tia. Bem, lá lhe fazia qualquer coisa. E, às vezes, quando ela ia para a venda, levava uma canastrita com umas batatas ou o que lá tinha para vender e ia com ela. A minha tia como pagamento dava qualquer coisa ao meu pai. Já era bom o que ela me dava, mas ela dava-lhe também qualquer coisa. Gostava de lá estar, porque tratavam-me bem. Mas depois casou-se a minha irmã e o meu pai disse que precisava que viesse para Soito da Ruiva. E vim-me embora.

Não vim ao casamento. Eu tinha uma sorte que não ia a casamentos nenhuns. O da minha prima lá fui, mas o da Ana já ela se tinha casado quando eu para lá fui. E a minha irmã também já se tinha casado quando vim.



Fotografia 2: Deolinda de Jesus. Costa de Caparica, Junho de 1944.

Durante a minha infância não fazia nada, nem renda. Era pequenina e os meus pais também não tinham dinheiro para comprar as linhas. Não era só por ser caro. Eles é que não tinham o dinheiro. O meu pai, que Deus tem, quando ia para Lisboa, a maioria das vezes tinha que se vir embora, porque tinha uma raça de um reumático que era preciso levantá-lo, deitá-lo, era preciso tudo. Não ganhava nada. E depois, a gente aqui também nada ganhava! Sabe Deus como a gente vivia!

Eu não tinha assim muitas brincadeiras. Quando era de noite, entretinha-me em casa com estas coisitas. Andava muito com a minha avó aqui na aldeia. Ela vivia numa casita aqui perto. Durante muitos anos fui dormir com ela. Às vezes, também rezávamos juntas.

Toda a gente gostava dela porque andava como um burro de carga. Andava aí sempre carregada para estes e para aqueles e não levava nada. O que ela lá desse nas feiras era o que cá levava. Devia ter aí uns 15 a 20 anos quando ela morreu.

Educação “*Nunca fui à escola*”

Nunca fui à escola. Nessa altura diziam que não gostavam que as raparigas aprendessem. Os meus irmãos foram à escola no Sobral Magro. Todos os dias tinham que ir lá para baixo e vir. Muitas vezes, comiam a bucha no caminho. Nem iam à escola. O meu irmão mais velho ainda chegou a lá andar. Ainda lá aprendeu, mas não aprendeu tanto como havia de ser, porque os meus pais tiraram-no.

Houve quem pedisse para deixarem vir os filhos para guardarem as cabras. E a professora disse que ou saíam todos ou não saía nenhum. E foi o que os pais quiseram ouvir!

Migração “*Era uma miséria*”

Cá não havia dinheiro para comprar nada. Era uma miséria. Aqui não havia quem desse nada a ganhar. Nessa altura, muitos ainda iam para os lados da Soalheira, de

Castelo Branco. Iam para lá quando era pela ceifa e até para as estradas. De resto, aqui não se ganhava nada. Iam para lá ceifar o centeio e o trigo que por lá tinham.

O meu avô, da banda do meu pai, ainda chegou a ir lá para a ceifa. Era só no tempo de ceifarem o centeio. Depois voltavam.

“Você fuma?”

O meu avô ainda para lá foi. O meu pai, que Deus tem, contava muita vez que andavam a ceifar o pão, o centeio e havia lá um, que era quem mandava naquilo, que já queria fazer pouco deles. E, um dia, disse para um tio dele:

- "Ó tio, aquele vai a fazer pouco de nós!"

Ele começou a fugir para um lado. E vai ele assim:

- "Deixa-o ir, que ele em lá chegando já volta para trás."

Ele repetiu:

- "Tio, olha que ele vai a fazer pouco da gente."

O meu avô não quis fazer conta. O meu avô foi por ali fora e quando chegou ao cabo do talhão do centeio, o outro botou a mão ao centeio por baixo da foice e o meu avô bota-lhe a mão por cima da foice e ficou com a espiga na mão. O outro ficou só com a palha no chão. Mas o patrão que foi sempre a acompanhá-los disse assim:

- "Alto lá! Já te avisei muita vez que quando há um homem, há dois! E tu não tinhas nada que vir fazer isto que fizeste!"

Depois, disse para o meu avô:

- "Você fuma?"

Ele disse:

- "Às vezes, fumo um cigarro, mas não é assim grande vício."

E ele disse assim:

- "Tome lá este cigarro, sente-se e fume-o aí até eles cá chegarem."

E o patrão mandou o outro homem ir para o mesmo sítio. Depois ficou todo danado, ainda foi acima e disse para o meu avô:

- "Você estava lá à minha ordem!"

Quando era no tempo das castanhas, também iam para Soito da Casa apanhá-las e traziam-nas para comer-mos.

Mais tarde, os homens começaram a ir para Lisboa, primeiro nem para lá iam. Eu não me lembra do meu pai ir para Lisboa, porque ainda era pequena. O meu pai trabalhava no peixe, com as padiolas. As padiolas eram feitas com dois paus e duas tábuas pregadas por cima, onde punham as caixas. Eles trabalhavam na lota, mas eu não sei como era, nunca lá fui!

Não sei quantos anos ele esteve a trabalhar em Lisboa. Veio para cá ainda cedo, porque estava doente. Deram-lhe pouco. Veio para cá com 300 escudos. Já vocês podem ver a reforma que lhe deram. O meu marido também para cá veio com 300 escudos.

O meu marido também trabalhou no peixe, em Lisboa. Não trabalhava no mesmo sítio que o meu pai, mas era no mesmo ramo.

Namoro “*Dois anos a escrever para mim*”

Eu não era muito namoradeira. Quando comecei a namorar com o meu marido ele estava em Lisboa. Começou-me a escrever de lá. Deu-lhe para ali.

Ele já tinha sido casado. Mas diziam muito mal da mulher dele. Que ela não lhe dava de comer, que gastava o dinheiro que ganhava. Não sei se assim era, se não. A gente não via, mas separaram-se. Eles tinham três filhos, mas um já morreu. Dos outros filhos, um está lá fora, nem sei se é no Brasil. E a filha está na Piedade, também não sei onde.

Ainda esteve dois anos a escrever para mim. Depois veio para a aldeia, eu tinha 37 anos.

Casamento “*Fiz fraco enxoval*”

Quando me casei fiz fraco enxoval. Já arranjei mais coisas depois de cá estar, do que as que trouxe quando me



Fotografia 3: António Alves, marido de Deolinda de Jesus.

casei!

O meu marido chamava-se António Alves.

A minha mãe não me deixava namorar, por isso casei mais tarde do que o costume. A minha mãe era pior para isso do que o meu pai. Mesmo depois de casar ela ainda me queria proibir de fazer certas coisas, mas depois também fui teimosa. A minha irmã já se casou mais cedo do que eu, ainda não era velha quando se casou. Teve três filhas, mas uma também já morreu.

Naquele tempo houve quem falasse, porque eu era solteira e ele casado. Elas diziam o que queriam, mas a gente não lhes podia tapar a boca! A minha mãe também era contra no início.

Não fiz festa de casamento. Já vivia com ele há alguns 20 anos ou perto disso, quando fomos ao Registo.



Fotografia 4: Deolinda de Jesus (3^a dir. p/ esq.) no casamento da sobrinha Maria Alexandra.

“Vós ides ao Registo”

Foi o irmão dele que fez com que fôssemos ao Registo. Ele disse:

- "Olha que vós ides ao Registo, porque senão a outra vai buscar tudo e não fez caso de ti e deixas esta mulher sem nada, que é esta que está a fazer caso de ti."

E lá se meteu aquilo na cabeça e depois lá tratámos de tudo no Registo. Mas enquanto não se divorciou da outra, não pôde ser.

O meu marido já faleceu, já faz 14 anos no dia 8 de Abril.

Casa “Agora tenho uma casa bonita”

Os meus pais viviam lá em baixo, no meio do povo. A casa dos meus pais era do outro lado do barroco. Só tinha um quarto e duas salazitas. Também tinha outra casa, que agora é da minha sobrinha. Dormíamos uns num lado e outros noutro.

Quando me casei fui morar numa casita lá em baixo no povo, que agora até é das minhas sobrinhas. Depois fizemos esta casa, onde moro agora, logo no mesmo ano.

Esta casa era baixita, só assim terreira. Tinha era o cimento por baixo. A casa tinha dois quartos, a cozinha e uma salazita. A casa de banho fiz logo, porque queria casa de banho.

Agora, há pouco tempo, o tecto da casa estava a cair e tive que o arranjar. Mas a gente não tem dinheiro, sabe Deus o que tenho passado por causa disso. Agora tenho uma casa bonita, mas para acabar de tirar o dinheiro é que é perigoso, porque a minha reforma é pequenita.

Quotidiano

“Carregos à cabeça”

A minha avó ia daqui para a Covilhã com os carregos dos ovos e das galinhas para lá vender. Carregos à cabeça! Havia vezes em que vendíamos bem as coisas.

“Um problema de boca”

A minha mãe, que Deus tem, também lá foi muitas vezes. E uma vez chegou lá e estavam em greve, não os deixavam ir vender na praça. E ela disse assim:

- "Ora como é esta?!"

Mas estavam lá umas de Chãs de Égua, porque, como a minha avó era de lá, tinham lá muita gente até de família e juntavam-se. E depois elas disseram:

- "Vamos ao hotel, que eles lá compram-nos."

Elas foram vender aos hotéis. A minha mãe, que Deus tem, lá foi com elas. Não sabia, mas lá foi. Chegou lá e pediu se lhe davam alguma coisa para o almoço e deram-lhe. Agarraram em pão e meteram-lhe carne dentro. Mas a minha mãe também era um problema de boca e comia tudo a eito! Diz que se pôs a olhar para a carne, agarrou e tirou a carne toda, deu às outras e comeu só o pão!

“Passavam os dias na fazenda”

Os meus pais passavam os dias na fazenda. Quando era o tempo de cavar, andavam a cavar e a semear. Quando era no tempo de apanhar o renovo também tinham de o apanhar e carregá-lo às costas.

Os terrenos não eram muitos, mas a gente tratava terrenos que não eram nossos.

Tínhamos algumas plantações. Tínhamos milho, por exemplo, mas era pouco. Não chegava para todos, tinham que o comprar. Também tínhamos animais, cabras e ovelhas. Havia vezes que tínhamos às cinco e às seis. Outras vezes eram mais, outras vezes eram menos. Era conforme calhava.

Havia muitos castanheiros cá, mas tudo era pouco para as pessoas que cá viviam. O que vingava mais eram castanhas e feijão. As batatas eram poucas porque eles só semeavam o milho. Milho também havia pouco. Muitos juntavam era centeio, semeado pelos matos, juntavam mais do que juntavam milho.

Também tínhamos cá vinho, mas era pouco. E oliveiras antigamente também cá havia poucas. E agora ainda

cá há menos, que arderam. Houve um grande incêndio há 20 anos e agora há poucos anos houve outro. Até arderam algumas casas.

Apesar de haver cá muitas árvores de fruto, ninguém fazia doces. Eles não iam comprar açúcar para fazer doces. Que é do dinheiro? Uma parte da fruta comiam-na e a outra davam-na aos animais, principalmente aos porcos e às cabras.

O meu irmão, que era mais velho que eu, é que ia para a serra com o gado.

De roda das abelhas

Nós tínhamos cortiços, mas aquilo é preciso andar muito de roda das abelhas. Para as colmeias funcionarem é preciso ter uma abelha-mestra. Se não tiver aquela abelha, as outras não fazem o mel, morre tudo com a fome.

A abelha-mestra é diferente das outras. É um bocado mais comprida e é mais amarela. Quase como uns bichitos que diziam que eram as vacas-loiras. São os bichitos que às vezes andam pelo mato e pela erva, compriditos e têm uma parte que é quase da cor das flores amarelas.

Os cortiços também estão diferentes. Agora há caixas de madeira, mas antigamente, eram uns cortiços em cortiça. Eram quatro partes: uma atrás, outra à frente e duas dos lados. E tinha uma por cima para tapar. Por baixo era destapado que era para as abelhas trabalharem lá por baixo.

Nem sempre faziam cortiços, às vezes, compravam-nos. Eu ainda fui buscar alguns ao Sobral Gordo. Se fosse agora já lá não ia tanto, já não posso.

A quantidade de mel que produziam dependia do tempo. Se o tempo fosse bom e elas fossem apanhá-lo às flores, estava certo. Mas se fosse de chuva ou que não pudessem ir lá buscar o mantimento, não podiam fazer e morriam com a fome. Para verem a quantidade de mel que o cortiço tinha, batiam no tampão do cortiço. Se estiver feito, já toca a feito, se bater ao vazio, já não lhe mexem porque não está bom para tirar.

Para crestar o mel tinham uma ferramenta que se usava de propósito para aquilo. T tinham que cortar para virem os favos. Davam fumo às abelhas para irem para baixo. E cortavam o mel por cima. Mas ainda vinham muitas abelhas que, às vezes, ainda davam umas dentadas nas mãos.

Só tiravam o mel quando era ali pelo São Pedro, de ano a ano. Mas agora com estes cortiços que são caixas, parece que o tiram duas vezes, depende do mel que tem. Quando tiram o mel dos cortiços não o podem tirar todo. Se lho tirarem todo, as abelhas morrem com a fome, porque elas comem o próprio mel. Para tirarem o mel tinham que bater no cortiço, para as abelhas irem de um cortiço para o outro. Às vezes são teimosas, se elas não virem a abelha-mestra não vão. É ela que dirige tudo.

O mel comiam-no de muita maneira. Às vezes até com pão, com broa. Punham-no num prato e depois iam molhando a broa e iam comendo.

Existem diferentes tipos de mel, dependendo da flor. O que é de mato preto é escuro e o que é de flores assim mais amarelas, mais claras, também é mais claro. Mas cá em Soito da Ruiva o mel é quase sempre do mato preto, porque aqui doutras coisas pouco havia. Noutros sítios há a esteva, que tem aquelas flores assim mais claras e esse mel já é diferente. Mas aqui era quase sempre tudo a mesma coisa.

Castanhas

A comida mais típica de cá era sopa, feijões, castanhas e broa.

As castanhas arranjavam-nas de muita maneira. Arranjavam-nas com arroz, aquelas que já eram piladas. Outras vezes tiravam aquela água e deitavam um bocado de broa e faziam aquelas migas com o caldo das castanhas. Outras vezes comiam-nas, dizem que era de esquadro, era só as castanhas. Era conforme calhava. Também faziam sopa delas. Por isso, faziam-na de muita maneira.

Curas para as maleitas

Eu nunca fui assim miúda de chás. Mas há aqui muitas plantas que as pessoas usam para fazer chás e curar doenças. Nessa altura havia aí até muito quem tivesse dessas coisas que eram precisas para qualquer doença. Mas agora já tudo também desapareceu. Por exemplo, eu tinha um pé dessas ervas que ajudavam a curar. Dava um bocado a uma senhora, dava outro bocado àquela e cada uma punha para si.

Quando alguém se magoava, partia um braço por exemplo, já era diferente.

Nas vésperas do São Lourenço

O meu irmão mais velho partiu uma perna nas vésperas da festa do São Lourenço. Nunca cá tinham feito a festa com música e esse ano mandaram cá vir a música, um que também já morreu. Prometeu e mandou cá vir a música.

Depois o meu irmão andava aí pelas ruas com os outros rapazes a enfeitar os arcos, que eles para isso tinham habilidade. Depois vim ali a casa da minha avó e disse-lhe:

- Quer que lhe faça alguma coisa, vó?

E ela disse:

- "Olha faz-me isto."

Não sei o que era já. E eu estava lá em casa dela e depois chegaram lá:

- "Olha que o teu irmão partiu uma perna."

- Credo! - disse eu.

Veio uma trovoadas muito grande e nós tínhamos uma fazenda lá em baixo ao pé da ribeira e a água entrou por lá dentro. E ele foi para modo de virar para fora, mas já não a pôde virar e veio para cá. Ela estava lá a cair para o terreno, mas eu tinha-o cavado e andava aí há pouco tempo e ele estava a tapar para ir para os castanheiros, que já lá andava prejuízo. Caiu uma fraga de cima a baixo, empurrou-o e partiu-lhe a cabeça. Levou alguns pontos na cabeça. E partiu a perna em baixo, onde caía a água. O meu pai, que Deus tem, tinha lá posto uma pedra

para segurar a água e ele bateu com a perna na pedra e partiu-a. Depois, a minha mãe, que Deus tem, também vinha de tratar das cabras, mas abalou para lá. Não sabia que ele para lá tinha ido, mas abalou para lá para ir lá ver também como estava aquilo. Quando lá chegou ia ele já aos arrastões num bocado e ficou com a cabeça fora da parede. Ela só disse:

- "Ai Toino, que tu caís abaixo e morres!"

E ele, coitado, estava atordoado com aquilo na cabeça. Ela depois agarrou nele. E ele não queria que ela o trouxesse, porque era tudo a subir:

- "Você não pode! Não me leve! Você não me leve! Vá chamar quem me venha buscar!"

Mas ela tinha medo que ele se pusesse pior. Vinha lá com ele às costas, só que depois estava lá a Ana da Relva do lado de lá a tratar do gado, e ela chamava, gritava e acenava para baixo, mas ninguém ouvia o que ela dizia por causa do barulho da água. Eles abalaram para lá, o que o foi lá buscar também já morreu, e chegou lá e disse:

- "Ó prima, dê-me cá o rapaz que eu levo-o."

- "Não, que ele está todo sujo."

Porque a terra ainda tinha sido cavada de há pouco tempo e ele ficou com a roupa toda enterreada.

- "Deixa lá, que a água tudo lava!"

Depois, quando ele chegou a casa, disse-lhe:

- "Olha, diz à Diamantina que venha cá trazer a roupa, que a minha Deolinda ainda a vai lavar."

- "Era o que faltava! Ela está lá não é para outra coisa!"

E não quiseram lá vir trazer a roupa. Mas ela lavava-lhe de boa-vontade. Ao outro dia, no dia da festa é que o levaram para Arganil. O meu padrinho e o meu tio foram chamar um homem que havia no Piódão, que diziam que era o barbeiro. E ele veio cá, que ele era muito amigo da minha gente. O meu irmão estava a gritar e a minha mãe disse-lhe:

- "Tem paciência também! Então estás só a gritar."

- "Grita, grita, que tens razão para gritar. Só nesta casa é que havia de acontecer isto, que não te posso aqui

curar. Tens de ir para o hospital."

Foi lá ao outro dia. Puseram numa manta, uns paus e levaram-no assim daqui para Pomares.

Quando os chás ou as rezas não resultavam chama-vam um homem que havia no Piódão, que diziam que era o barbeiro. Esse senhor dava remédios. O filho dele sabia mais que alguns médicos. Esse senhor curava as pessoas. Quando o meu pai, que Deus tem, estava doente, a gente às vezes mandava-o vir e ele vinha.

Não o quis sacramentar

Uma vez o meu pai estava muito mal, mas não o mandámos vir. Mas ele vinha do Piódão cá vender o pão. E depois ele disse:

- "Ó Artur, então como é que está o Alberto?"

E ele disse-lhe assim:

- "Olhe que ele está muito mal. Está mesmo mal! Hoje veio lá o padre dizer uma missa e o genro foi chamar para modo de o ir sacramentar e ele não quis lá ir!"

Ele só foi assim:

- "Não quis lá ir? Então vamos ver se lá vão ou não."

Depois falou para o padre de Vila Cova e disse-lhe que ele que estava cá assim e que se ele cá pudesse vir que era um favor que fazia. Ele veio cá e depois ainda dissemos:

- "Olha, ele ainda lhe fez as coisas que a gente gostou mais do que o outro fazia."

Lembro-me de quando era miúda de irem a um médico, o doutor Vasco.

O doutor Vasco

Uma vez, estava um primo meu doente, um irmão do Neves que ainda era pequenito. E o avô dele também estava doente, tanto que morreu nessa noite. E depois foram chamar o doutor Vasco para ele cá vir ao avô e ele não quis cá vir, porque estava muito mau, botou-se

a nevar! Disseram-lhe como é que ele estava e deu os remédios. Os que chegaram cá deram-lhe as injeções, mas já não resultou. Depois, a minha prima, a mãe do Neves, disse:

- "Ó madrinha, tenho que ir com ele, da maneira como ele está." - a minha mãe era madrinha dela.

E ao fim ela disse:

- "A Deolinda que vá contigo para o ajudar a levar, mas vou-vos levar além à Barroca dos Castanheiros."

Depois chegou lá e diz ela assim:

- "Ouve lá! Vós ides com ideias de vir ou é de lá ficar?"

Era de noite. E ela disse:

- "Ó madrinha, como é que eu lá fico se o meu sogro talvez não chega até amanhã!"

Depois ela disse assim:

- "Então se não é para lá ficarem, voltemos para trás e depois amanhã a Deolinda já lá vai."

Eles trouxeram o recado, que tinha morrido no Sobral Magro e era para a gente ir ao funeral a Pomares.

E depois ela disse-lhe:

- "Amanhã, a Deolinda vai falar com o médico."

Assim foi. Fôramos daqui para baixo e eu cheguei a Pomares enquanto eles foram para a Igreja. Eu agarrei e disse que tinha que ir a Avô. E depois uma rapariga lá disse:

- "Então eu também vou consigo."

E foi comigo. Quando lá chegámos, a gente também não demorou. Quando lá chegámos foi quando ele saiu da igreja para fora. Depois trouxemos-lhe os remédios, começámos a dar-lhe e o rapaz começou a melhorar.

Agora temos médico uma vez por mês, mas antigamente não tínhamos. É complicado, mas se a gente tivesse que ir daqui para Arganil para o Centro de Saúde, ainda era pior. No outro dia, diziam que tiravam o médico de cá, porque agora também têm fechado nalguns lados o Centro de Saúde. Ele é que disse que este mês ficava resolvido se cá ficava ou não. Mas ele disse que se viesse a Pomares, também cá vinha.

Domingo, dia de missa

Toda a gente gostava de ir à missa, aos domingos. Mas não era aqui em Soito da Ruiva, era em Pomares. Na capela daqui não havia missa todos os domingos. O padre agora vem cá todos os meses dizer uma missa pelas almas do Purgatório, mas primeiro não. Só se o cá mandassem vir, para lhe pagarem, está claro. E o resto tinha que ir até Pomares.

Havia aí um homem, que já era velho, que depois os filhos foram para os Alvares, mas ele é que não deixava passar domingo nenhum que não fosse à missa. Era um dia engraçado, às vezes embebedava-se também.

Dias passados sozinha

Hoje em dia não faço nada. Os meus dias passo-os em casa sozinha. Só às vezes é que faço uns biquitos de renda ou uma coisa qualquer.

A minha mãe não sabia fazer renda, a minha irmã também não. E eu ainda pedi a duas raparigas para me ensinarem. E elas disseram que se comprasse as linhas, que me ensinavam. Depois comprei as linhas, fui ter com elas e elas não me quiseram ensinar! Veio cá a mãe da Ana, porque nessa altura o irmão da Ana andava doente e mandaram-no vir para cá para tomar ares, e eu disse-lhe:

- Se você me ensinasse a fazer a renda...

E ela começou-me então umas renditas pequenitas para aprender e depois lá aprendi. Assim que a gente já sabia, a minha avó escreveu para a mãe dela e depois ela disse à tia para dizer à Maria que mandasse a amostra da renda com o canto. Ela depois mandou-me e a minha tia mandou-me as linhas para fazer. Assim que a fiz, a minha mãe dizia que a queria. Eu disse-lhe:

- Alto lá! Que você não me compra as linhas para as fazer. Para esta renda deram-me as linhas, também não lha dou.

- "Ah, então tens que me fazer uma igual."

- Então compre as linhas que depois faço, mas esta não lha dou!

E depois lá fiquei com ela!

Para comprar as linhas ou o que fosse necessário, às vezes, iam a Avô, ou onde calhava, buscar as coisas. Cá não havia comércio, só podíamos comprar na feira.

Costumes *Entre partidas e bailaricos*

Cantar, tocar e dançar

Os jovens às vezes aos domingos, juntavam-se para andarem nos bailes, a tocar, a cantar e a dançar. Os bailes eram aí nas ruas. Mas se era no Inverno, tinham uma pessoa qualquer para emprestar a casa em tal sítio para lá irmos fazer o baile. Não eram todos os domingos. Aquilo era mais na altura do Verão ou, às vezes, pelo Carnaval. Agora no resto do ano não, porque tinham era de andar no serviço.

No Carnaval, no tempo em que me criei, ajuntavam-se aí pelas casas a comer e a beber. E quando era á noite já andavam sei lá como! Depois, às vezes, os homens botavam-se à zaragata.

Também se mascaravam. Para fazerem as máscaras, às vezes, agarravam na ferrugem das chaminés e chegavam-no à cara. Outras vezes, agarravam num trapo qualquer e punham-no na frente da cara.

Faziam muitas partidas, muitas brincadeiras! Havia muitas vezes que a gente não os conhecia, porque vestiam-se de mulher e elas vestiam-se de homens e andavam naquilo. Eram engraçados.

Mas não eram só os jovens, os adultos também brincavam no Carnaval. Ainda tinham mais jeito para isso do que os jovens.

“Vou-lhe buscar uma pica”

A minha avó contava que, às vezes, quando era pela Páscoa ia comprar pão, trigo, para levar lá para os lados de trás da serra. Ia buscar à Benfeita. Iam lá dormir para o trazer de manhã cedo. E uma vez ela esqueceu-se de levar a broa, pois costumavam levar uma broa para comer. E esqueceu-se! Ela que se lembrou bem:

- "Se não vender o pão todo, depois como um pão."

Mas se ela mais levasse, mais vendia e andou todo o dia em jejum. Chegou ali onde chamam a Camba, diz que haviam lá umas mulheres que eram muito amigas dela. E uma disse assim:

- "Ó tia Maria, espere aí que eu tenho uma broa no forno e vou-lhe buscar uma pica." Diziam que era uma pica, uma broazinha mais pequena.

- "Tenho lá, eu vou-lha buscar."

Nesse dia aceitou-a. Das mais vezes quando lhe davam as coisas, ela trazia-as para comer com os filhos, mas nesse dia teve que comê-la, pois ainda vinha em jejum àquela hora. Sabe Deus como ela se viu!

No São João era uma paródia

No São João, quando era à noite agarravam um gato. Iam buscar um pinheiro que fosse bem alto e depois metiam-no dentro dum cântaro de barro. Atavam tudo com palha e punham o cântaro lá no cimo com o gato. Botavam-lhe o lume no fundo, quando lá chegava ao cimo, o cântaro caía em baixo. Os gatos, coitados, já nem se levantavam. Era uma paródia!

Fogueira de Natal

No Natal, apesar do pouco que havia, toda a gente ia à missa. Levantavam-se cedo para ir à missa ao Sobral Magro, que era quase sempre às oito horas. Àquela hora ainda era cedo. Tinha-se que ir de noite para baixo.

Vestiam a melhor roupa que tinham, uma roupazita mais lavada. Mas aqui a roupa durava-lhes sei lá para quantos anos, porque não tinham dinheiro para comprar. A roupa que eles traziam não conseguíamos ver a peça, eram só consertos. Se compravam uma peça de roupa para uma festa, ela tinha de durar para três e quatro festas. Não havia dinheiro para comprar nada.

Quando era pelo Natal, andavam aí aos oito dias e mais a carregar lenha para fazerem a fogueira. Umhas vezes faziam lá adiante naquele largo da escola, outras vezes era aqui em baixo. Quando estava muito vento era

aqui em baixo, no meio do povo. Agora já acabou tudo! Já não há gente.

Época das colheitas

Na época das colheitas ajudavam-se uns aos outros. Hoje iam para esta casa, amanhã para aquela e andavam assim. Juntavam-se também para debulhar. Antigamente, a debulha era só com um riscador. Tiravam-lhe duas carreirinhas de milho de um lado e duas do outro. Deitavam-no para ali e as mulheres iam debulhando. Mas depois começaram-no a malhar e agora já é de outra maneira. Mas agora já pouco semeamos.

Quando alguém morria cá, era costume entregarem um pão. Primeiro nem era pão, que não havia dinheiro para o comprar. Era broa. Moíam uma data de milho e depois coziam umas broas assim pequeninas e davam uma a cada pessoa. A família da pessoa que tinha morrido é que dava aos outros. Diz que era por alma da pessoa que morria.

Dantes nem tinham o costume de ir aos funerais. Nem iam a nenhum, a bem dizer.

Voltaram para trás

Havia aí um que nos funerais quando chegava para além do povo, voltava para trás. Quando ele morreu, depois calhou-lhe a ele. Os que iam no funeral voltaram para trás e disseram:

- "Se nos juntarmos na casa do Sr. Pessoa o padre ralha com a gente."

Juntou-se tudo em casa do Sr. Pessoa e ele disse assim:

- "Mas ele não ia ao funeral dos outros e agora não se juntou tudo para ir ao dele."

Nos funerais, às vezes, também se embebedavam.

São Lourenço, o Santo das telhas roubadas

O padroeiro da aldeia é o São Lourenço. Está na capela da aldeia. Até diziam que era o santo das telhas roubadas, porque eles prometiam-lhe telhas e depois chegavam aí a uma casa qualquer, tiravam as telhas e traziam-nas. E por isso, diziam que era o santo das telhas roubadas.

Uma vez roubaram-no, chegaram a levá-lo até lá adiante para o barroco. Já iam embora com o santo, mas depois foram lá buscá-lo.

Tiravam-lhe aquela farinhazinha, porque ele é de pedra, e diziam que era boa para as sezões, maleitas e problemas de saúde. Tanto que agora até lhe puseram uma tabuazita por detrás quando é para ir no andor, porque ele tem uma levada nas costas de onde lhe tiravam bocadinhos.

Em Agosto vem muita gente para Soito da Ruiva. Os que estão em Lisboa vêm para aí. Costumam fazer um almoço, pelo São Lourenço. Não costumo ir porque também já não posso comer tudo a eito. Se for com muito sal, já me faz mal. Se for com picantes também. E depois a gente quer, às vezes, cá fazer o comer.

As do Centro estão fartas de ligar para eu comer do Centro, que me vêm cá trazer. Mas enquanto eu puder fazer, faça! Em não podendo, eles lá darão algum remédio.

“Com os pés de lado”

Quando às vezes a gente cai e fica com os pés de lado, quando torcemos o pé, costumamos dizer que é estrutagado.

Para curar o estrutagado havia uma reza que se fazia, até era com um pucarito de barro. Punham-no ao lume com água e faziam ferver a água e depois viravam-na para um prato grande. Viravam o púcaro com a boca para baixo e a água ia para baixo para a bacia, mas se a água recolhesse toda para dentro do púcaro outra vez, quando faziam essas rezas estava a ser curado. Se não fizessem as rezas a água não recolhia. Mas isso também não sabia. Uma tia minha, essa sabia, era a avó do Neves.

Pé estrutagado

Uma vez, o meu pai estrutagou o pé e chamaram a avó do Neves. E ela disse-lhe:

- "Que coso?"

Ele respondia:

- "Eu sei lá o que é que você cose! Está aí a coser nesse trapo!"

Porque ele dantes tinha aquelas paródias.

- "Assim é que se faz!"

A gente dizia-lhe:

- "Diga como há-de ser!"

E ele depois dizia, mas primeiro tinha que ter lá as paródias dele.

Às vezes, as pessoas com estas rezas ficavam mesmo curadas.

Mitos e lendas

Recordo-me de ouvir falar do João Brandão. Ele não era daqui. Nem sei se ele era de Vila Pouca ou de Midões. Era de lá de baixo. Mas era muito mau! Matou um afilhado dele!

“Muito ouro, prata e mel”

Uma vez chegou ao Porto da Balsa, eu não me lembra dele mas era o que contavam a minha mãe e a minha avó. Havia lá umas casas que eram de pessoas ricas. Tinham muito ouro, prata e mel, muita coisa. Ele chegou lá e já andava a ver se ia lá matar os donos. Eles fugiram todos de lá para um sítio que chamam a Rocha. Mas ficou uma pessoa em casa. E eles chegaram lá e começaram a falar, ao fim a pessoa que ficou em casa disse:

- "Os senhores agora comiam uma saladinha?"

- "Ai, essa agora, convinha."

Iam com o calor. E ela agarrou, fez ver que ia para o quintal e lá fugiu por trás e foi ter onde os outros estavam. E eles esperaram, esperaram, ela não apareceu,

deram-lhe caça. Os outros estavam longe mas viam e disseram:

- "Olha! Lá chegou o lume aos potes do mel!"

Era aquele fumo negro. Depois diziam:

- "Olha! Lá chegou agora à prata! Agora ao ouro!"

Que o ouro e a prata chegaram ao rio, como ele queimou aquilo derreteu-se e foi até ao rio. Tinham lá muito!

Ele era mau, mas à minha bisavó ainda lhe valeu uma vez. A minha bisavó, também sabe Deus como ela se viu. E o meu bisavô também se juntou a esse João Brandão. E ela, coitada!

“Ela é mulher de um amigo meu”

A minha avó foi para o cimo do Piódão, chamavam-lhe as Catraias de São Pedro, que é no cimo da serra. Tinha uma barracazinha e levavam-lhe para lá o vinho aos garrafões. Também era só o que para lá levavam. Mas passavam lá nesse tempo, diziam, os almocreves, que eram os que andavam com os machos. E eles mandaram vir comer, vinho e a palha para os animais e, ao fim, não queriam pagar. A minha bisavó estava a chorar e o João Brandão estava lá, que ele tinha lá um quarto por conta dele. E disse-lhe assim:

- "Ó tia Rosa, que é que você quer? Que é que você tem?"

- "Que é que eu hei-de ter? Os almocreves comeram e beberam e botaram o pasto aos machos e agora não me querem pagar."

Ele disse-lhe assim para ela:

- "Você conhece-o?"

- "Conheço."

- "Então ande lá diante dele."

Chegou ao pé dele:

- "Qual é o que aí está que comeu e bebeu e não quer pagar? Dê lá já o dinheiro à mulher! E não a quero maltratada, que ela é mulher de um amigo meu!"

Deu-lhe o dinheiro e no outro dia já por lá não passou, que mandou os machos pelos outros e ele já deu a

volta pelo meio do mato com medo de lá passar.

O João Brandão era medonho! Toda a gente tinha medo dele. Julgo que já morreu.

Uma pessoa feita em animal

Eu nunca vi nenhum lobisomem, mas lembro-me que falavam nisso. As pessoas tinham medo, porque aquilo era uma pessoa mas vinha feita em animal. Dizem que se iam deitar onde os animais tinham feito o serviço. E depois se fosse de burro, vinham de burro. Se fosse de cão, era de cão. Era assim. Não era ninguém cá da aldeia, mas passavam aí.

“Torpelo pelas escadas abaixo”

A bisavó da minha mãe, juntava-se à noite quando era no Inverno para fiar. Com ela estavam as raparigas e os rapazes. Os rapazes alguns sabiam fiar tão bem como as raparigas. E eles estavam lá, mas não cabiam todos na cozinha e estavam alguns na rua. Tinham até lume, uma fogueira, na rua. E ela ouviu um galo cantar, era meia-noite, mas era um galo romano. E ela chegou à janela e disse assim:

- "Ó rapazes e raparigas! Se quereis ir para vossa casa, ide. Se não quereis vinde para aqui, que olha que está alguma coisa para sair ou para entrar cá para o povo!"

Diz que entraram todos lá para casa e quando deram conta passou aquele torpelo pelas escadas abaixo. Passou o povo para o outro lado. Eles levantaram-se e foram lá diante para o largo da escola ver. E ele ia lá diante, as ferraduras até botavam lume. Foi por isso que puseram o nome da Quinta da Fagulha lá naquele sítio.

Outra vez, estavam no forno da povoação a cozer, já era de noite, e também sentiram aquele torpelo. Depois parecia que até lhe arrombavam a porta para dentro. Elas por jeitos puseram-se todas a segurar a porta! Apanharam lá um grande susto!

Fadário

Diz que uma vez que andava um também a fazer a cavada para o centeio lá no mato. E depois todos os dias lá iam escangalhar a lenha que ele punha para queimar para fazer a cinza para o centeio. Chegava lá aquela coisa e escangalhava-lhe tudo. Depois ele disse assim:

- "Todos os dias me vão lá escangalhar a lenha! Ando chateado com aquilo!"

Eles até eram compadres. Mas isto não foi cá. Foi lá noutro lado. E disseram-lhe:

- "Atire-lhe com a roçadeira a uma perna, mas de longe!"

No outro dia, aquela coisa apareceu-lhe lá e ele atirou-lhe com a roçadeira e partiu-lhe um braço. Depois disseram-lhe que o compadre que estava doente e ele foi lá ver:

- "Então, mas como é que tu fizeste isso?"

- "Como é que eu fiz isto? Não sabes o que me fizeste?"

Ele disse assim:

- "Credo! Não me digas que fui eu!"

- "Isto já tu me havias de ter feito há muito, que se me tivesses feito há muito eu já não andava cá com este fadário."

Para deixarem de ser lobisomens era preciso tirarem-lhe sangue. Mas não o deixar ir para a pessoa, senão ficava ele com o condão.

Com uma agulha e cortiça

Outra vez foi um também. Todos os dias lá passava aquele torpelo à porta, ao pé da casa. Mas ele disse:

- "Raios partam!"

Ia ver, mas desaparecia. Depois também disse para esse tal rapaz:

- "Todos os dias passa um torpelo à minha porta! Não sei que tropelo é aquele!"

E vai ele assim:

- "Arranja uma agulha bem comprida e com uma cor-tiça na frente e pica-o! Mas de maneira que o sangue não vá para ti!"

E ele fez isso, depois, ficou todo nu. Atirou para lá com roupa para ele vestir e disse:

- "Ai, o que eu te fiz!"

E ele que disse assim:

- "Tu isto já me havias de ter feito há muito! Que se me tivessem feito, eu não andava aí a penar como andei!"

Lugar *A aldeia mudou*

Antigamente havia muita gente cá na aldeia. Havia aí casas de oito pessoas. Quando, às vezes, chamavam para virem ajudar a fazer qualquer coisa queriam vir logo duas ou três mesmo só pela bucha. Não era para ganhar dinheiro! Era só pela bucha. Se lhe diziam:

- "Deixa-me lá ir com a fulana ajudar a fazer isto ou aquilo."

- "Olha, podem ir todas!"

Os Invernos eram muito frios. O que nos valia é que se arranjava lenha para a gente se aquecer. Mas, de resto não, não havia cá aquecimentos nenhuns. Não havia nada.

Os mais velhos costumavam juntar-se no largo, mas os restantes andavam pelas fazendas.

As serras aqui tinham muitas árvores de fruto. Havia para aí muitas cerejeiras, muitas pereiras e sei lá o que é que para aí havia! Agora, tudo desapareceu. Um as arderam com os incêndios e as outras já eram velhotas e caíram.

Cá não há cemitério. As pessoas daqui quando morrem são enterradas em Sobral Magro. Primeiro era em Pomares. Iam com os mortos às costas daqui para Pomares, porque nem carros havia nessa altura. Agora chamam a agência funerária e depois vêm-nos cá buscar para o Sobral.

Havia uma capelinha que era para quem ali passava poder rezar pelas almas. No interior tem um santo, mas não é o São Lourenço, é uma imagem qualquer.

A aldeia também mudou. O largo antigamente não existia, existe há pouco tempo. Primeiro, havia lá um carreiro, um caminhito pequenino. Quando fizeram a estrada é que fizeram o largo.

A Comissão de Melhoramentos tem-se fartado de trabalhar. Fizeram muito pela terra. Primeiro, nem cá havia água, luz, nem a estrada. Isto já foi tudo depois que arranjaram a Comissão.

Eu já não posso, já de cá não saio para nada.

Ida ao cabeleireiro

Andei com o meu cabelo, já parecia eu sei lá o quê! A cabeleireira até disse:

- "Poça! Você até agora também deixou chegar a tal ponto."

E eu disse:

- Então, não posso vir para a carreira. A carreira é só lá em cima na serra e lá em baixo no Sobral Magro. Eu não posso para lá ir. Não havia quem me levasse. Agora é que a Ana disse:

- "Você tem que ir arranjar o cabelo. Quer lá ir na quinta-feira?"

Foi assim que pude ir cortar o meu cabelo.

A aldeia não é feia. E para sossego ainda há poucas como aqui.

“Casa que não caibas, fazenda que não saibas”

Havia pessoas em Soito da Ruiva que tinham mais poses que outras. Isso via-se porque tinham mais fazendas. Nessa altura, a minha avó dizia muitas vezes: "Casa que não caibas, fazenda que não saibas". "Casa que não caibas", que era pequena, e "fazenda que não saibas" que era muita.

Já cá morreram algumas pessoas de quem eu senti muita falta. A minha avó foi a primeira, depois foi o meu pai, que Deus tem. A seguir foi a minha mãe e depois a

minha irmã. Essa é que me deu muito choque, porque andávamos todo o dia ao pé uma da outra. Cozíamos a broa à sociedade. Umhas vezes cozia ela no meu forno, noutras vezes cozia eu lá no dela.

“Agora não tenho ninguém”

Nessa altura, o meu irmão também estava cá sozinho, mas em Coja, e depois começámos a cozer a broa toda à sociedade. E ela um dia à noite disse-me assim:

- "Amanhã não queres cozer?"

E eu disse assim:

- Eu amanhã tenho que ir ao mato.

Isto foi num sábado. Depois, ela disse:

- "Quer dizer, também tenho que ir ao mato e tratar do gado, mas o Manel, o meu genro, vem-me cá buscar e em cá chegando já lhe pergunto se ele cá tem broa. E havíamos de cozer."

Eu disse assim:

- Então só se cozermos quando viermos do mato.

Pois assim foi. Cozêramos lá em baixo no forno dela. Eu fui ao mato de manhã mais o meu marido e estávamos a almoçar quando ela ligou para casa:

- "Então, não vens cá ter para tratar da broa?"

Porque ela não a podia amassar, partiu um braço e já nunca mais amassou a broa. E depois eu disse assim:

- Então, estamos a comer, põe já a água ao lume.

Ela disse:

- "A água já está ao lume e eu já peneirei a farinha. Então, vinde que já é só amassar a broa."

Fui para baixo e amassei a broa. E depois eles começaram a dizer:

- "Ah, temos que pôr os feijões ao sol."

Porque a gente usava apanhá-los e depois ainda os punha ao sol para ser melhor de debulhar. Eu já tinha uma coisa pouca. Mas eles ainda lá tinham muitos para deitar ao sol. Depois ela disse assim:

- "Então olha, vamos pôr os feijões ao sol. A primeira que cá chegar vai ver se a broa estiver numa de espetar lume ao forno, vai-lhe botando lume. Eu vou lá em baixo

pôr os meus feijões ao sol e trago a vassoura para varrer o forno."

Depois a filha, a que morreu, chegou a casa e eu disse assim:

- Então, o que é que tu aqui vens fazer? Eu não tenho aqui quase nada, que eu já pus os feijões ao sol. Vai ajudar o tio Manel ou a tua mãe.

Depois, fui para baixo e vi que a broa já estava em condições para pôr lume ao forno. E pus-lhe o lume. Ela veio, aquecemos o forno e tiráramos a broa. Depois de botarmos a broa, a gente usava sempre fazer uma bola para comer. Até lhe arranjaram carne para pôr na bola e estávamos a comer, mas o meu marido a essa hora não estava. E ela disse assim:

- "Olha que guarda-se um bocado para o Toino."

E ele depois chegou e eu disse assim:

- Olha, ele já aí vem.

Depois, comêramos, mas eu já não a achei boa, porque ela estava toda a hora com o braço, ora levantava ora baixava. Achei aquilo estranho. E disse:

- Tenho que ir deitar ceia ao gado, às cabras.

E o meu irmão disse assim:

- "E eu também, que daqui a pouco chega aí o meu genro e tenho de estar pronto para me ir embora."

Depois, eu fui tratar do gado. E tinha aqui a broa em casa e eles também a levaram para casa deles. Fui deitar a ceia às cabritas e cheguei aqui e disse que o meu marido gostava muito da broa quente. Disse assim:

- Olha, está aqui esta pequenita broa para comeres.

Estávamos para começar a comer e o telefone a tocar. Eu assim.

- A esta hora? Quem será?

Pois era a minha sobrinha. Disse:

- "Tia! Venha cá ter que a minha mãe desmaiou!"

Fui para baixo e já não me falou. Foi um choque muito grande para mim, porque a gente dava-se muito bem uma com a outra, que ela quando às vezes morriam as pessoas no povo e eu não me dava conta ela falava-me para aqui. Ou ela ou a filha:



Fotografia 5: Deolinda de Jesus. Soito da Ruiva, Março de 2007.

- "Olha, que morreu fulano! Olha, que morreu sicrano! Não sabes isto! Não sabes aquilo!"

E agora não tenho ninguém.

Alcunhas

Cá utilizavam alcunhas para conhecerem as pessoas, porque havia aí mais pessoas com nomes iguais, por exemplo "Ana da Relva". Ao meu irmão chamam o "Manuel da Barroca", porque ele mora ao pé da barroca. Uma barroca é o sítio onde a água passa para baixo. A mim chamavam-me a "Deolinda dos Pinheiros", porque moro aqui perto dos pinheiros todos. Também há cá uma senhora que é a "Maria dos Tojos", mas o nome dela é Maria dos Anjos. E morreu uma, que era prima dela, a quem chamavam só "Ana das Ameixeiras".

Lá em baixo no povo, onde se passa para irem para ao lado da escola, chamavam os "Abrunheiros", porque noutros tempos havia por lá abrunheiros com certeza. Abrunheiros é uma árvore, destas que dão ameixas. Ainda lá apanhei um montão, que me deu muito ganho. Uns diziam que eram de França, esses mais amarelos. Às vezes até se punham encarnados de um lado. Esses é que eram bons! E haviam outros que eram pequenitos,

chamavam-nos os abrunhos cagouços.

As pessoas cá conheciam-se todas.

Sonhos *Aldeia mais animada*

Gostava que a aldeia fosse mais animada, que tivesse mais jovens. Eles agora não querem para cá vir. Em Lisboa há lá muitos de cá da aldeia que já estão reformados e não vêm para cá. Já lá têm os filhos casados e netos e agora já para cá não querem vir.